

# A VIDA E O TRABALHO COM O SAPATO: A SUBJETIVIDADE DE TRABALHADORES DOMICILIARES, DE BANCAS DE PESPONTO E DE FÁBRICAS<sup>1</sup>.

Talita Bertanha de Freitas<sup>2</sup>  
Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

Michel Foucault em sua genealogia do poder, desde os anos 70, nos legou uma bela análise sobre o processo de subjetivação do indivíduo e do corpo social, a partir da construção de verdades que estão no bojo de um jogo de forças do exercício do poder. O estudo da relação da verdade com o poder permitiu a Foucault cartografar as linhas que dão forma a uma sociedade que ele denominou de *sociedade disciplinar*. (DELEUZE, 1992)

Sem dúvidas Foucault é considerado o pensador das sociedades disciplinares, que teve início no século XVIII e atingiu o seu apogeu no início do século XX. A técnica disciplinar primordial para efetuação do poder foi o confinamento, visto claramente no cotidiano fabril: concentração de força e distribuição dos corpos no espaço, produzindo um corpo tanto útil como ágil para o trabalho. (DELEUZE, 1992).

O poder se efetua em forma de rede, na qual não são vistos os pontos, os focos, os indivíduos, mas sim o movimento. Os indivíduos são alvo tanto para exercer o poder quanto para serem submetidos a ele, desse modo, o poder circula em infinitas direções, atravessando os corpos sem se deter exclusivamente em ninguém (POGREBINSCHI, 2004).

Pogrebinschi (2004) dirá que a disciplina consiste essencialmente em uma tecnologia específica do poder que faz crescer e multiplicar os corpos docilizados, modelizados, ou seja, perpetua o poder em que estão submetidos todos os indivíduos. Para tanto, a disciplina se vale de um conjunto de técnicas, de níveis de aplicações para se efetuar, que são os mecanismos disciplinares.

Na sociedade burguesa, a forma de atuação do poder disciplinador se realiza com seu discurso e sua prática coerciva encarnados nos corpos de forma mais direta, normalizando-os. Efetivamente como é o seu discurso? Não é o da lei, da regra enquanto jurídica, mas veicula um discurso que é o da regra “natural”, ou da norma. Para legitimar e naturalizar esse poder, é tomado como referência teórica o domínio das ciências humanas, mais especificamente o saber clínico, com seus diagnósticos e classificações (FOUCAULT, 1985).

Os métodos de controle do corpo agem de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos, permitindo o controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição constante de suas forças e o transformando em um corpo-objeto (FOUCAULT, 2004).

A passagem da modernidade para a contemporaneidade ocasionou a mudança de modelo de sociedade, passando de uma sociedade vista por Foucault como “Disciplinar”, para um modelo de sociedade identificada por Gilles Deleuze (1992) como de “controle”. Hoje, encontramos-nos em um momento de transição entre um

---

<sup>1</sup> A pesquisa apresentada no atual artigo foi subsidiada pelo CNPq/PIBIC. A autora é aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário de Franca – Uni-FACEF [www.facef.br](http://www.facef.br)

<sup>2</sup> [talitabertanha@hotmail.com](mailto:talitabertanha@hotmail.com)

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia do Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca.

modelo e outro. Estamos saindo de uma forma de encarceramento completo para uma espécie de controle aberto e contínuo.

O que se vê acontecendo é uma crise generalizada em todas as instituições, resposta do novo regime de forças. O controle contínuo substitui o exame das técnicas disciplinares. Ultrapassando o confinamento, o controle se dá em espaço aberto e a comunicação é instantânea. Neste regime de controle nunca se termina nada, como exemplo, a instituição escola está se desmoronando a favor de uma formação que nunca se acaba. Deleuze (1992) coloca que este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa. O hospital se abriu para os hospitais-dia e o atendimento a domicílio. Na fábrica, o que acontece é uma mutação, o modo de produção ultrapassa o espaço fabril, surgem o trabalho temporário e o trabalho a domicílio. Nada termina e o espírito da empresa substitui o da fábrica.

O indivíduo desta sociedade é caracterizado por uma incessante formação e um contínuo trabalho, já não se precisa mais de espaços esquadrihados e demarcados. Os indivíduos estão presos numa espécie de formação permanente, de dívida impagável, sendo assim, prisioneiros em campo aberto (DELEUZE, 1992).

Baseando-se em Negri & Cocco (2005), que refletiram sobre as condições sociais e políticas dos países da América Latina, analisando o processo de construção da identidade nestes locais, compreende-se que estes países, inclusive o Brasil, têm como marca registrada um Estado que governa com o assujeitamento das populações exploradas, sendo incapaz de agir sobre a subjetividade que produz a sociedade. O que se delinea é um horizonte tão-somente de poder e relações de capital. O Estado, em particular no Brasil, traz como herança um poder patriarcal e/ou oligárquico-escravista, que contribui para o quadro atual de intensa exploração de uma camada não favorecida, vista por Guattari (1990) como uma imensa massa de “não-garantidos”.

Para os autores citados acima, tal conjectura produz na camada da população explorada uma possibilidade marginal de sobrevivência, uma selvagem liberdade da força de trabalho, em que os autores denominaram como “potência brasileira”. *“A liberdade do êxodo não é menos liberdade porque se dá em situações desesperadas (...). A fuga do escravo era, e continua sendo, mais livre do que a luta contratual do operário fordista”* (NEGRI & COCCO, 2005, p.71).

Guattari (1990) alerta que com o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), vivido atualmente, observa-se a instauração de imensas zonas de miséria, fome e morte, o que configura-se principalmente nos países do terceiro mundo, e é denominada pelo autor como um processo de “desterritorialização selvagem”.

Segundo Deleuze & Guattari (1995) a sociedade atual apóia-se sobre a égide de padrões rígidos e majoritários de produção de subjetividade no âmbito corpóreo e incorpóreo. Os autores denominam o conceito de *rostidade* para explicar estes modos de codificar o indivíduo. Há os modelos predominantes alimentados pela mídia e pelos sistemas capitalistas, que são as figuras do macho em detrimento do devir mulher; do adulto se opondo ao devir criança; e do humano se sobressaindo ao devir animal. Os autores dirão que a rostidade tem um duplo movimento, já que de um lado a rostidade se impõe com suas duas semióticas – a significante e a subjetivante, por outro lado ela abre espaço para a multiplicidade, para o devir, para a “desrostificação”. Então há sempre a possibilidade de sair do “rosto”, ou, descolar da “pele” alguns modelos, ou, modelizações do corpo.

Diante do que foi discutido acima, penetrar por entre as subjetividades significa conhecer o modo como os indivíduos ou os grupos sociais produzem a sua história, seja repetindo, negando ou recriando os regimes de verdades vigentes (DELEUZE & GUATTARI, 1995).

A atual pesquisa foi realizada na cidade de Franca, interior de São Paulo. Esta cidade tem como principal atividade econômica a produção de calçado masculino, onde o processo de transformação das oficinas especializadas e manufaturas de calçados em fábricas se deu de forma lenta e progressiva. Por ser uma atividade de baixo nível tecnológico, ainda nos dias atuais apresenta características que a vinculam à manufatura e em certos casos até o artesanato (BARBOSA & MENDES, 2003).

A indústria calçadista de Franca, a partir dos anos 80, com a intensificação do processo de globalização sofreu o impacto das mudanças decorrentes da abertura da economia brasileira. Mediante a isso, houve uma fragmentação de sua estrutura fabril, gerando uma expansão de micro-empresas do setor calçadista e o resgate do trabalho domiciliar em consequência do aumento da terceirização e a proliferação do setor informal, surgindo as bancas-de-pespointo<sup>4</sup>, onde o ambiente de trabalho se mistura com a rotina das residências (BARBOSA, FILHO & MENDES, 2005).

Observa-se que a cidade onde foi realizado o presente estudo enfrenta um quadro de terceirização do trabalho e, por conseguinte, uma nova organização dos modos de trabalho dentro do setor calçadista. Percebe-se que o trabalho com costura de sapato, como decorrência de uma conjuntura econômica, torna-se cada vez mais informal e precário. Ao mesmo tempo em que este trabalho compõe-se em territórios “marginais”, há a possibilidade de se encontrar novos modos de organização e alternativas criativas, despontando-se aqui as possibilidades de uma política de vida minoritária (as *minorias*<sup>5</sup>).

O presente estudo teve como objetivo compreender a modelização dos corpos de trabalhadores da indústria calçadista nos três ambientes de trabalho: domiciliar, bancas de pespointo e fábricas. Realizou-se três estudos de caso com vistas a compreender como se dá a modelização contemporânea dos corpos em uma trabalhadora de costura manual, em uma trabalhadora de banca de pespointo e em uma trabalhadora de fábrica. Em suma, os objetivos específicos foram: conhecer o cotidiano dos trabalhadores domiciliares, de bancas de pespointo e de fábricas; compreender a atuação do poder disciplinar sobre os corpos dos trabalhadores; compreender como se dá a modelização contemporânea, o “aprisionamento em campo aberto” sobre os corpos de três mulheres trabalhadoras cada qual de um ambiente de trabalho – o doméstico, a banca de pespointo e a fábrica; cartografar a modelização das trabalhadoras nos três locais de trabalho estudados; por fim investigar os mecanismos de resistência, ou seja, as “linhas de fuga” que vivenciam.

## MÉTODOS

A pesquisa desenvolveu-se com base no método qualitativo e etnográfico proposto por Minayo (1996) e André (1995).

Na primeira etapa desta pesquisa foram realizadas observações participantes em sete residências onde ocorria o trabalho de costura manual de sapatos, em três bancas de pespointo: a primeira de pequeno porte, a segunda de médio porte e a terceira de grande porte e em duas fábricas de sapatos, uma delas de médio porte e a outra de grande porte.

---

<sup>4</sup> Segundo Navarro (2003), a banca de pespointos é uma oficina de trabalho que funciona nas residências dos trabalhadores, e presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespointos, costura e enfeites.

<sup>5</sup> Para Guattari (1987) as *minorias* são modos políticos e sociais de estar no mundo que não se circunscrevem dentro dos padrões semióticos predominantes, em contraponto às *minorias* há majoritariamente outros modos de ser e estar que se enquadram em moldes denominados de “rostidades”, termo este usado por Deleuze & Guattari (1995).

Na segunda etapa da pesquisa foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas com três mulheres, onde cada qual representa um cenário de trabalho: o da costura manual, o da banca de pesponto e o da fábrica.

No cenário da costura manual - Maia<sup>6</sup> é uma mulher de quarenta e oito anos, casada, mãe de seis filhos. Ela trabalhou por vinte e oito anos dentro de sua casa com a costura manual de sapato. Há dois meses Maia deixou o trabalho de costura de sapato e está trabalhando como coletora de lixo reciclável. Este novo trabalho simboliza a liberdade que tanto ela desejou, Maia diz que se sente como um pássaro solto e, portanto, morreria se ficasse novamente “presa” (trabalhando em um local fechado).

No cenário da banca de pesponto - Benta é uma mulher de quarenta e um anos, casada e mãe de dois filhos. Benta começou a costurar sapatos ainda criança, ela relata que chorava por não querer trabalhar, mas com o tempo entendeu que deveria ser assim. Benta sempre trabalhou em fábrica de calçados, mas com o nascimento de seu primeiro filho ela começou a trabalhar dentro da casa de sua irmã onde havia uma banca de pesponto. Há cinco anos Benta tem a sua própria banca de pesponto no fundo de sua casa. Porém o seu maior sonho é trabalhar no ramo de alimentos.

No cenário da fábrica – Diva é uma mulher de quarenta e dois anos, mãe de duas meninas. De sua infância, Diva se lembra que desde muito nova ela e seus irmãos ajudavam a mãe na lavoura de amendoim e café no interior do Paraná, onde passou a sua infância. Aos quinze anos de idade Diva entrou pela primeira vez em uma fábrica de sapatos, onde teve dificuldade de se adaptar por não estar acostumada com o trabalho ágil. Atualmente, ela trabalha em uma fábrica de sapatos de grande porte. Diva sai de sua casa à 6h da manhã para ir ao trabalho, e no final do dia retorna à sua casa por volta das 18h 30min.

Para a análise dos dados utilizou-se da abordagem hermenêutica dialética, segundo os moldes propostos por Minayo (1996).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Será apresentada, sucintamente, uma discussão que aponta alguns dados obtidos nas observações participantes e que se entrelaçam com as falas das três entrevistadas – Maia, Benta e Diva.

O trabalho de costura de sapato na própria casa, a princípio, evidencia uma grande flexibilidade de tempo, espaço e movimento: a rotina de trabalho é a própria mulher quem faz, o espaço da costura é ora na sala de casa, ora na varanda que dá para a rua. Algumas mulheres observadas até cristalizam o seu pequeno território de trabalho no sofá da sala, em frente à TV. Por não haver um olhar externo do patrão elas podem se mover, se levantar, parar e recomeçar, o quanto bem entenderem. Porém, quando um modelo se flexibiliza, ele pode se tornar mais perverso, pois ao mesmo tempo em que o modo de trabalho em residência “oferece” a liberdade para criar a sua própria rotina ele sucumbe o trabalhador a impossibilidade de sair deste território, já que o seu corpo (físico e subjetivo) está preso pelas sanções normalizadoras introjetadas (um “patrão interno”) em sua própria vida privada.

Este artifício complexo e sutil de controle, próprio das sociedades contemporâneas leva o indivíduo a uma “prisão” de modo mais avassalador, na medida em que não evidencia o território e os mecanismos de modelização. Durante as observações participantes não se notaram nas residências mecanismos de resistência

---

<sup>6</sup> Os nomes de todos os participantes da pesquisa são fictícios.

típicos dos ambientes das fábricas e das bancas de pesponto, como conversas, paqueras, amizades, crítica ao patrão. O indivíduo continua sendo explorado na medida em que não consegue fazer “fugir” o modelo tradicional.

Aprofundando no universo do trabalho de costura de sapato em residência chega-se no estudo de caso de Maia. Esta mulher, após vinte e oito anos de trabalho com costura manual de sapato em sua casa, deixa este trabalho e investe no trabalho de recolhimento de material reciclável pelo bairro. No discurso, Maia diz que o motivo de não trabalhar mais em casa foi por causa da tendinite nas mãos e pelo infortúnio do glaucoma, pois ela já não conseguia costurar com destreza e enxergar bem. Mas, pelo invisível e o indizível do corpo, se expressa com maior severidade que Maia pouco suportava a repetição, a inércia e a “prisão” do trabalho de costura de sapato em casa. Ela afirma que necessitava de liberdade, como um passarinho, como se vivesse em uma gaiola, disse que os muros de sua casa estavam a lhe tirar a Vida.

Nota-se que a vida de Maia é marcada por linhas de fuga, apesar das “amarras” da rostificação, do trabalho desde a tenra idade (a infância). Ela, volta e meia, produz modos de ação e relações desrostificadas. Embora a relação de Maia com filhos, no nível dos enunciados, esteja impregnada por forças conservadoras, como a cobrança para que os filhos sejam produtivos (que a ajudem no trabalho doméstico e no recolhimento de lixo), comportados (que não baguncem a casa), e que não fiquem na rua (para que não sejam “vagabundos”), os seus filhos demonstram uma liberdade entre o portão de casa e a rua. A casa pouco organizada assemelha-se a um espaço caótico, aberto à vizinhança que, sem cerimônias, encontra na casa de Maia um ponto de encontro. Contudo, não se exclui no corpo dos filhos de Maia o trabalho, ponto comum observado em algumas residências que participaram da primeira etapa de observações. As crianças estão tão presas ao trabalho quanto os pais. Talvez as crianças estejam mais exploradas do que se fosse um trabalho “externo” como na fábrica, por exemplo, já que o ambiente social da criança – a sua casa, está totalmente imbricada no universo do trabalho de costura de sapato e neste caso, portanto, a produção da subjetividade está permeada neste contexto – linhas, agulhas, couro e costura.

Em relação à condição de trabalho nos dois extremos - dentro da fábrica ou dentro da casa, para a maioria das mulheres que participaram da primeira etapa da pesquisa a preferência é o trabalho na fábrica. O trabalho situado fora do ambiente privado dá ao indivíduo uma nova arquitetura da realidade, os seus círculos de convivência tornam-se esquadrihados e demarcados – fábrica e casa, local de trabalho e local de descanso, de ser “livre”. Acontece também uma segmentação do tempo – hora de “produzir” e hora “livre”, que por sua vez leva o corpo a construir rituais como um “corpo” (ou um “eu”) para o meio público (social) e um “corpo” (“eu”) para o meio privado (intimidade). Assim, o indivíduo cristaliza em si comportamentos “apropriados” para cada ambiente. O cenário do trabalho pede ao corpo outra postura, padrões específicos de gestos e de condutas, um corpo sóbrio, silencioso e produtivo. Já o cenário da casa abre espaço para a informalidade, as risadas, a preguiça, as relações de afeto, de ira, etc. E por fim, com o trabalho fechado na fábrica ocorre uma desapropriação deste do corpo do trabalhador, já que o trabalho não mais seria responsabilidade do operário, mas sim do dono da fábrica. Contudo, diferentemente desta realidade de círculos de convivência fechados e segmentados, nota-se que com o trabalho infiltrado na casa ocorre um processo de mistura dos territórios, dos tempos e das relações.

Em relação ao ambiente de trabalho das bancas de pesponto notou-se que o ritmo de produção da banca de menor porte aproxima-se do cotidiano de trabalho em residência. Os horários de trabalho e a velocidade do corpo são flexíveis, ninguém “bate

cartão”, a banca se constitui por pessoas do mesmo núcleo familiar, como no caso da segunda entrevistada, Benta. Ela e seu marido (que são os donos da banca) trabalham com uma irmã de Benta e uma vizinha. O que movimentava a banca é o prazo de entrega das encomendas para a fábrica, portanto, o trabalho acontece de forma sazonal. Segundo Benta, quando é preciso eles trabalham até de madrugada e quando há poucas encomendas o serviço termina mais cedo. Somando esta flexibilidade do ritmo de trabalho com a identificação do trabalhador com o seu trabalho, ao ponto do sujeito tornar-se “dono” e, portanto, responsável pelo o que faz (ganhando um patrão intrapsíquico), o que se tem é uma conjectura de “amarras invisíveis” no indivíduo, um despotismo imperceptível.

A tecnologia do controle contemporâneo é produzir a vida para o consumo do trabalho. Foi possível, durante as observações participantes, como também durante os encontros com a entrevistada, perceber o quanto os gestos repetitivos, os movimentos automáticos, além de um silêncio que denunciava um vazio, que o “costurar” tornou-se um movimento carregado apenas pelo valor financeiro, sendo assim mais uma tarefa fragmentada, um exercício sem carga de sentido. Observou-se na banca de pesponto de menor porte uma maior extensão de silêncio e monotonia, havendo poucas conversas e raros movimentos de se levantar da cadeira, já que todo e qualquer pequeno movimento se evidencia diante da inércia que constitui o pequeno grupo, e os olhares estão constantemente uns sobre os outros. A flexibilidade, a possibilidade de se trabalhar praticamente em casa (as bancas de pesponto de médio e de menor porte se localizam nos fundos das casas dos donos.), a identificação com o trabalho (o indivíduo torna-se dono e responsável pela sua função), todas estas características estruturam modos flexíveis de trabalho que transparecem uma falsa sensação de “liberdade”.

Benta, ao recordar a sua história de trabalho, relembra algumas de suas experiências em uma fábrica de calçado. Porém, em sua memória, parece ter ficado apenas os momentos singelos e fugazes, as pequenas “linhas de fuga”.

*“Uma coisa boa de se trabalhar na fábrica eram as minhas amigas. A gente tinha tantas amigas... a gente conversava né... você tem um dialogo (pausa) porque às vezes aqui (banca de pesponto) você quer sair! (...) Ah, eu não posso reclamar, mas às vezes eu sinto falta daquela amizade que a gente tinha, porque na fabrica você faz amigas, conversa com um, com outro (...).”* (Benta).

Foi observado que no corpo de Benta destaca-se a sobriedade em sua face e a inércia em seu corpo, além de seu discurso ser costurado por idéias transcendentais (providência divina) demonstrando que o *desejo* parece ser o de sucumbir para sobreviver. Benta, carregada de ressentimento e passividade, apesar de desejar fazer outro trabalho, não encontrando sentido no serviço que faz na banca, não ousa questionar ou reclamar de sua atual condição. O seu “sonho” é um desejo velado, o qual ela conta sussurrando, para o seu marido não ouvir.

Em relação às bancas de médio e maior porte, por haver um grupo maior de pessoas, há uma maior possibilidade de se produzir os *acontecimentos* e linhas de fuga típicos das fábricas. Principalmente na banca de maior porte, onde há um número maior de funcionários e a figura do patrão está mais distante dentro de uma pirâmide hierárquica. Ouviram-se ali histórias de peraltices, brincadeiras, sabotagens feitas entre os pequenos nichos de amigas dentro do grande grupo de trabalhadores.

Contudo, o cenário da fábrica remete ainda às disciplinas foucaultianas, o tempo cronometrado, a vigilância, o espaço esquadriado. Porém há diferenças entre a fábrica de menor porte em relação a fábrica de maior porte, ambas observadas.

No estudo de caso relativo ao trabalho em fábrica, Diva relata sobre a sua experiência de trabalho em um local pequeno onde acontecia apenas o setor de pesponto, dentro de uma grande fábrica. Este pequeno espaço se caracterizava pela informalidade, o patrão não freqüentava este local, havia apenas um supervisor. Diva recorda desta fase de forma saudosa, ela relembra as amizades, as brincadeiras e os jogos de “Truco” que ela e suas companheiras de trabalho brincavam durante as horas de almoço. Segundo Diva, nestes momentos ela nem tinha vontade de sair da fábrica. Este local de trabalho mais informal lembra o cenário da fábrica de menor porte observada.

Já o atual cenário de trabalho de Diva se assemelha ao cenário da segunda fábrica observada (de maior porte). O espaço é organizado, as pessoas se colocam de forma enfileirada, ninguém se levanta ou conversa, a esteira é quem dita o ritmo de trabalho. A vigilância está por toda parte através das câmeras. Diva relata que se sente muito mal neste novo ambiente de trabalho, pois lá há uma escassez de amizades, o clima é de desconfiança e competitividade. Segundo Deleuze (1992), os novos mecanismos de controle funcionam como uma moldagem auto-deformante que está em constante mutação. A fábrica ganhou o espírito da empresa, onde a vigilância se faz entre os corpos dos próprios funcionários. Como exemplo deste controle o autor fala sobre o “salário por mérito”, em um estado de perpétua metaestabilidade em que o salário do funcionário modula-se conforme a produtividade deste. *“A fábrica constituía os indivíduos em um só corpo, para a dupla vantagem do patronato que vigiava cada elemento na massa (...) mas a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexplicável (...)”* (DELEUZE, 1992, p.221). Como consequência, há um desfalecimento do grupo de funcionários que, pela competitividade, tornam-se isolados em si mesmos e desconfiados um com o outro.

Durante as entrevistas, pôde-se notar o grau de ansiedade e descontentamento no corpo de Diva. Para ela o melhor momento é o fim do dia, momento em que ela chega em sua casa. Diva relata que não tem amizades no novo local de trabalho e que na mudança de ambiente de trabalho, chegou a passar muito mal, teve dores de cabeça e de estômago. Pode-se fazer uma correlação entre estes sintomas e seu descontentamento, já que quando o corpo não encontra linhas de fuga, o próprio organismo é o foco da fuga, o mal estar do corpo se apresenta em sintomas como dores de cabeça, tendinites, dores no estômago, etc. Nestes casos pode-se falar em “micro suicídios”, como aponta Guattari (1987).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode ser observado que em termos de modelização, de produção de subjetividades, que os três ambientes de trabalho são parecidos, já que o controle, visto por Deleuze (1992), incide sobre as subjetividades. Todas as relações e os espaços – a casa, a banca de pesponto e a fábrica são permeados pela subjetividade capitalística. As três mulheres reproduzem nos âmbitos interpessoal e intrapessoal as relações capitalistas.

O trabalho dentro da casa, que parece oferecer uma maior liberdade, incide sobre o espaço e o tempo sobrecodificando-os em território produtivo e tempo útil. Então, o corpo torna-se preso a códigos e signos do sistema capitalista em um tempo contínuo. Rompe-se, assim, o limite entre o território privado e o público. Dentro deste cenário de trabalho, a casa, tem-se a representação mais fiel do modo como a modelização contemporânea se dá: a falta de um território e de um limite de tempo pré-estabelecidos

para o trabalho, penetrando, assim, todos os territórios: o corpo, as relações familiares e o lazer.

A banca de pesponto observada nesta pesquisa se localiza praticamente “dentro” do espaço doméstico (na varanda da casa) e, ainda, é composta pelas pessoas do próprio núcleo familiar. Portanto, foi visto que os mecanismos de modelização são similares aos do cenário descrito acima. Os aspectos que mais chamaram a atenção durante o processo de pesquisa, foram o modo como as relações familiares (entre marido e mulher, pais e filhos, entre irmãos e entre vizinhos) vão sendo, ao longo do tempo, empobrecidas, marcadas pelos deveres ora do trabalho da banca de pesponto, ora do trabalho doméstico. O silêncio que se sobressaía, na maioria do tempo, foi o sinal de que na verdade o “vazio” era a maior presença em cada corpo, pois, notava-se que ao executar tantas tarefas de forma automatizada e repetidamente, as “potências”<sup>7</sup> daqueles corpos eram focalizadas somente para a força de trabalho. Pelo pouco que se pode observar deste contexto, pode-se dizer que as linhas de fuga encontradas se fazem de forma sorrateira e tênue como, no caso, as “fofocas” relacionadas a algum caso familiar, que dava brechas à descontração.

No terceiro estudo de caso, de Diva, as principais considerações a se fazer referem-se ao processo de incorporação do “espírito da empresa” (DELEUZE, 1992) na fábrica, ou seja, o processo da intensificação dos mecanismos disciplinares, passando da disciplina (FOUCAULT, 2004) ao controle (DELEUZE, 1992). Diva relata a passagem de ambiente de trabalho caracterizado pela informalidade (segmentos de linhas flexíveis) e, portanto, facilitador de linhas de fuga (os “encontros”, as brincadeiras entre os companheiros de trabalho), para um ambiente de trabalho sedimentado por linhas rígidas e de invisibilidade (controle por câmeras e senhas), sendo este campo permeado por relações de competitividade e medo, próprias dos mecanismos de produção da empresa. Porém, por outro lado, “resistir”, ou seja, produzir linhas de fuga, torna-se um desafio necessário para que a vida não se esgote.

Diante destas reflexões, surge uma pergunta - Atualmente, até que ponto o indivíduo tem em mãos o poder de criar a sua própria vida? Pois, parece que a única “liberdade” possível, na Sociedade de Controle, é tornar-se consciente dos mecanismos de controle que incidem sobre a vida, abrindo, assim, possibilidades de escolher outros modos de experimentar a vida. Resistir - esta é a palavra. A “resistência” jamais é contra algo, mas sempre a favor de se encontrar outras políticas de vida, ela é o “desvio”. Resistir é criar o incriado e pensar o impensado.

Contudo, é de suma importância ressaltar que este é um estudo exploratório, sem nenhuma preocupação de generalização. Suas conclusões são preliminares, de modo que tornam-se relevantes novos estudos para se aprofundar as questões colocadas nesta pesquisa

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. Campinas – SP: Papirus, 1995, cap. 3, p. 35 – 48.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa; FILHO, Hélio Braga; MENDES, Alexandre Marques. A idéia de classe em tempos de reestruturação capitalista: reflexões entre a teoria e a experiência. In: *Anais do Seminário Internacional de História*. Maringá: DHI/UEM, 2005.

---

<sup>7</sup> Potência no sentido nietzschiano, referindo à “potência de vida”.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa & MENDES, Alexandre Marques. Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados. *Políticas públicas e sociedade*. Revista do mestrado acadêmico em políticas públicas e sociedade da universidade estadual do Ceará. Vol. 1, nº. 5, jan/jun. p.63-71. 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 5.ed. p.145-152. 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir nascimento da prisão/ tradução de Raquel Ramalhet*. Petrópolis: Editora Vozes, 29.ed. p.117-147. 2004.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996. p.105 -147; 218 – 220

NAVARRO, Vera Lúcia. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçado. São Paulo: Pespec.[online].v.17,n.2(citado 20 julho 2005), p.32-41, Abr/jun2003. Disponível em: <http://www.scielo.php?script=sciortext&pial=s0102-88392003000200005&Ing=pt&nrm=isso.ISSN0102-8839.Acessoem:12 out.2005>.

NEGRI, A.; COCCO. G. *Glob(AI): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

POGREBINSCHI, Thamy. Foucault, beyond disciplinary power and biopower. LuaNova. São Paulo, n.63, 2004. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452004000300008&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300008&Ing=en&nrm=iso). Acesso em: 22 June 2007. Pré-publicação.